

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA
HUDSON RIBEIRO SEVERIANO MACHADO**

**O SENTIDO DO EXISTENCIALISMO DE
JEAN-PAUL SARTRE**

Juiz de Fora

2023

HUDSON RIBEIRO SEVERIANO MACHADO

**O SENTIDO DO EXISTENCIALISMO DE
JEAN-PAUL SARTRE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Filosofia do Centro Universitário Academia, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Robione Antonio Landim

Juiz de Fora

2023

MACHADO, Hudson Ribeiro Severiano. **O Sentido do Existencialismo de Jean-Paul Sartre**. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial à conclusão do curso Graduação em Filosofia, do Centro Universitário Academia, realizado no 2º semestre de 2023.

:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Robione Antonio Landim
Orientador (UniAcademia)

Prof^a. Ma. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles
(UniAcademia)

Prof^a. Dra. Mabel Salgado Pereira
(UniAcademia)

Examinado: 06/12/2023.

Dedico este trabalho a minha mãe e tia e meus amigos, que são sinal de Deus em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus e a intercessão de Nossa Senhora Aparecida, por ter me dado forças para chegar até aqui e sustentado em todos os momentos de dificuldade e por sempre ter me abençoada.

Gratidão também a minha avó (*in memoriam*), que muito me ensinou sobre o respeito ao próximo e a cuidar daqueles que mais precisava de sua ajuda, aos familiares na pessoa da minha Mãe e minha Tia Luiza que sempre tiveram juntas comigo na minha criação. As minhas primas e primos que sempre tiveram comigo na caminhada. Agradeço também ao Marcelo pelo que sempre tem me dado.

A toda Diocese de Valença na pessoa do Excelentíssimo Reverendíssimo Dom Nelson, que me confiou a sua confiança na realização desse TCC.

Gratidão também ao meu Reverendíssimo Reitor do Seminário Filosófico e teológico Padre Marcos Ribeiro Silvestre, por cada palavra de ânimo e coragem.

A Paróquia de São Sebastião do Rio Bonito, na pessoa do reverendíssimo Reitor do Seminário Propedêutico Padre Gétero Rangel da Costa Júnior, ao qual sempre estive presente em minha vida e ao qual também muito me ajudou nos primeiros passos, não somente como seu formando mais também como seu seminarista de pastoral.

A Paróquia Nossa Senhora da Glória em Governador Portela, na pessoa do Reverendíssimo Padre Alessandro Guedes, ao qual faço pastoral atualmente e que muito me ensina sobre a perseverança na fé.

Um agradecimento muito especial ao povo de Deus que em cada oração rezam por mim, para que eu pudesse ser fortalecido por Deus neste período e um agradecimento todo especial a minha Comunidade De Barão de Vassouras que tem por Padroeiro São Sebastião ao qual sou muito devoto e a Paróquia Nossa Senhora do Patrocínio. Enfim, quero agradecer aos meus irmãos de seminário nas pessoas do Alyson, Breno, Caio, João e o Diácono Thobias que muito fizeram para me ajudarem na conclusão deste trabalho ao qual a eles serei eternamente grato pelo carinho e atenção.

Uma gratidão também ao meu orientador Professor Doutor Robione Antonio Landim que não deixou de medir esforços para que pudéssemos juntos realizar um bom trabalho a mim, compete apenas rezar pela vida do senhor e perseverança no trabalho de doação no ensinamento de seus alunos.

Queremos a liberdade pela liberdade,
descobrimos que ela depende
inteiramente da liberdade dos outros, e que
a liberdade dos outros depende da nossa.

Jean-Paul Sartre

RESUMO

MACHADO, Hudson Ribeiro Severiano. **O Sentido do Existencialismo de Jean-Paul Sartre**. N° 42 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Filosofia). Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, 2023.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o existencialismo de Jean-Paul Sartre. Para tanto, tomaremos como norte dessa apresentação a obra **O Existencialismo é Um Humanismo** (1973). A bordaremos o termo existencialismo, o seu percurso histórico, bem como o sentido que essa expressão adquire no âmbito da filosofia de Sartre. Apresentaremos ainda as críticas que o existencialismo sartreano recebeu e, sobremaneira, trataremos da liberdade do homem, conseqüentemente a sua responsabilidade e sua angústia diante da possibilidade que marca a sua existência. Para Sartre, **a existência precede a essência**, ou seja, o ser humano não tem uma **essência** predefinida ou uma ideia anterior que o determine. Em vez disso, ele existe primeiro e, em seguida, define-se a si mesmo por meio de suas escolhas e ações ao longo de sua vida. Somos livres para criar nosso próprio significado e identidade através de nossas escolhas e experiências existenciais. Somos aquilo que construímos de nós mesmos e o sujeito é responsável por seu próprio propósito.

Palavras-chave: Sartre. Existencialismo. Liberdade. Angústia. Responsabilidade

ABSTRACT

The present work aims to present the existentialism of Jean-Paul Sartre. To this end, we will use the book **Existentialism Is a Humanism** (1973). As our guide for this presentation. We will address the term existentialism, its historical development, as well as the meaning that this expression takes on within Sartre's philosophy. Furthermore, we will discuss the criticisms that Sartre's existentialism received, and above all, we will delve into the concept of human freedom, and consequently, the individual's responsibility and anguish in the face of the possibilities that shape their existence. According to Sartre, **existence precedes essence**, meaning that the human being does not possess a predefined **essence** or a preexisting idea that determines them. Instead, they exist first and then define themselves through their choices and actions throughout their life. We are free to create our meaning and identity through our choices and existential experiences. We are what we build of ourselves, and the individual is responsible for their purpose.

Keywords: Sartre. Existentialism. Freedom. Anguish. Responsibility.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 ASPECTO HISTÓRICO DO EXISTENCIALISMO.....	12
2.1 A RELAÇÃO ENTRE VIVÊNCIA E FILOSOFIA NO EXISTENCIALISMO.....	16
2.2 ELEMENTOS FUNDAMENTAIS DO EXISTENCIALISMO.....	17
3 O EXISTENCIALISMO É UM HUMANISMO.....	20
3.1 A CRÍTICA AO EXISTENCIALISMO SARTREANO.....	22
3.2 O SENTIDO DO EXISTENCIALISMO EM SARTRE.....	27
4 LIBERDADE: ANGÚSTIA E RESPONSABILIDADE.....	32
4.1 A LIBERDADE SITUADA.....	33
4.2 LIBERDADE: RESPONSABILIDADE ANGUSTIANTE.....	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

Jean-Paul Sartre (1905-1980) foi um filósofo e escritor francês, um dos maiores representantes do pensamento existencialista na França, onde contribuiu bastante para o pensamento existencialista. Sartre faleceu no dia 15 de abril de 1980, no Hospital Broussais de Paris, de edema pulmonar aos 74 anos de idade. Em seu funeral tinha mais o menos 50 mil pessoas.

A Europa no século XX, estava mergulhada em uma enorme crise, pois tinha passado pela Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918) que teve vários fatores, um deles que eclodiu a primeira guerra foi o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando e sua esposa Sofia. No mesmo ano em que se deu início a primeira guerra, após muito conflito tem-se o rendimento da Alemanha e outros países que terminaram arrasados.

Com isso, na Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945) como um dos fatores para o início do conflito foi a expansão territorial dos germânicos e a invasão da Polônia, depois de vários anos de muitas batalhas no ano de 1945 são lançadas bombas atômicas contra as cidades de Hiroshima e Nagasaki e com a morte de vários combatentes e civis encerrasse a segunda guerra.

Ao estourar a segunda guerra o filósofo que vamos trabalhar neste projeto que é o francês Jean-Paul Sartre (1905 – 1980), foi convocado para servir e com isso ele acaba sendo capturado e sendo levado para o campo de concentração de Trier, Alemanha. Onde depois de mais o menos um ano ele consegue fugir desse campo de concentração.

Neste contexto de guerra começa a também a surgir a nomenclatura do termo existencialismo que seria uma forma de entender o ser humano enquanto existência (PENHA, 2001). Neste sentido, este trabalho tem por objetivo entender **o sentido do existencialismo em Sartre**, tentando mostrar o seu olhar sobre a existência humana, além de buscar entender o contexto dessa filosofia existencialista. Assim, analisaremos a filosofia existencialista de Sartre.

As razões que me levaram a estudar esse tema foi justamente na tentativa de compreender a forma como se daria o existencialismo e o que pode ser feito para entender o jeito do homem ser no mundo, o que é o homem em sua existência. Para levar adiante essa questão, lançamos uso da obra **O existencialismo é um Humanismo** (1978), de onde explanaremos o pensamento de Sartre sobre o seu

existencialismo. Neste livro, ele se defende das críticas que havia recebido por causa do seu modo de pensar o sujeito, sobre a sua filosofia também que coloca o homem como responsável por suas ações.

Também nos servirá como bibliografia secundária obra do brasileiro João Penha **O que é existencialismo** (2001), onde o escritor vai mencionar as críticas que Sartre recebe, dentre elas a de que sua perspectiva é muito fechada ao diálogo e relação com o outro. A forma com a qual Sartre e outros filósofos abordam o existencialismo.

Assim, para uma melhor organização deste trabalho, este será apresentado em três capítulos. Em um primeiro momento, apresentaremos sobre o termo existencialismo; como surgiu este termo; é o e filósofo que contribuiu para a filosofia existencialista. Bem como, a maneira pela qual essa forma de pensar ganhou tanta força na Europa na segunda guerra mundial. Aqui será abordado como o filósofo católico Gabriel Marcel (1889-1973), teve um papel proeminente na história e consolidação do existencialismo.

No segundo momento, abordaremos a origem do livro **Existencialismo é um humanismo** (1978) o motivo pelo qual o francês lança o seu livro defendendo de duras críticas as quais ele recebeu por causa do lançamento do livro **O ser e o nada** (1997), onde por causa de sua obra primeira ter sido muito volumoso e de difícil compreensão, os seus leitores não conseguiram de fato entender o que Sartre tinha expressado em sua obra.

Verificaremos essa maneira de ser do homem no mundo, como podemos também entender **a existência precede a essência** de que forma poderíamos compreender essa frase na individualidade do homem, de que jeito pode se pensar a filosofia existencialista ateu para o cristão. O porquê essa filosofia recebeu tantas críticas dos filósofos cristãos.

Finalmente, o último capítulo será apresentado essa ideia de que o homem está condenado a liberdade, ou seja, é a partir desta condenação à liberdade que o homem se forma. (SARTRE, 1978). O homem é o que se projeta a ser, neste mesmo sentido pesa sobre o homem uma responsabilidade sobre si e sobre a sociedade e que uma maneira o leva a uma angústia.

Portanto, trata-se de um primeiro olhar sobre essa temática. Não tivemos a pretensão de esgotar o assunto sobre o qual muitos já discorreram. Apesar disso, sabemos que a obra de Sartre é extensa e volumosa e que pode ser trabalhada em

vários aspectos. Neste trabalho de conclusão de curso, abordamos como Sartre compreende a existência do homem. Enfim, procurou-se investigar o sentido do seu existencialismo.

2 ASPECTOS HISTÓRICOS DO EXISTENCIALISMO

O existencialismo é em certo sentido uma tendência filosófica que aborda a existência humana como elemento fundamental e originário do conhecer e viver, por isso, a sua existência tem um papel indispensável nesta linha de pensamento. Mas para compreendermos melhor como a existência humana tem peso na reflexão filosófica, especialmente na visão existencialista de Sartre é pertinente voltar a origem do termo. De acordo com Fontes:

Existencialismo [...] costuma-se indicar por esse termo, desde 1930 aproximadamente, um conjunto de filosofias ou de correntes filosóficas cuja marca comum são os pressupostos e as conclusões (que são diferentes), mas o instrumento de que se valem: a análise da existência. [...] como modo de ser próprio do homem enquanto é um modo de ser no mundo, em determinada **situação**, analisável em termos de **possibilidades**. Análise existencial é, portanto, a análise das situações mais comuns ou Fundamentais em que o homem venha encontrar-se. Nessas situações, obviamente, o homem nunca é e nunca encerra em si a totalidade infinita, o mundo, você ou a natureza (FONTES, 2007, p. 468, grifo do autor).

Conforme a citação acima, o existencialismo é um conjunto de correntes filosóficas que busca analisar o modo de ser próprio do homem, a maneira pela qual ele está e vive no mundo. Assim, o existencialismo não se origina somente a partir de Sartre, mas antes dele outros filósofos já haviam abordado a situação do homem no mundo, entre os quais destacamos como o Kierkegaard, Karl Jaspers (1883-1969), Gabriel Marcel, Martin Heidegger (1889-1976).

No século XX, a palavra **existencialismo** ganha popularidade na Europa que, passado pela primeira guerra mundial, entrando em uma segunda guerra; também é um período marcado por grandes conflitos na Alemanha. Este país já tinha passado pela primeira guerra e estava pagando impostos altíssimos.

O País se encontrava em uma enorme crise econômica, social e política, enquanto o lado oposto era composto por Reino Unido, França e Rússia. começava a se fortalecer com a crise alemã. Portanto, emergiu uma movimentação no país, para ter de volta aquilo que foi perdido: a economia, expansão territorial etc. Com a ascensão de Adolf Hitler ao poder, deu-se início a segunda guerra, onde vários judeus e tantos outros não alemães morreram nos campos de concentração.

Deste modo, com o advento do pós-guerra, inicia-se um trajeto existencial de entender a maneira com a qual o ser humano lida com suas fragilidades e suas

relações. As dificuldades e crises humanas neste período foram fundamentais para a difusão do existencialismo, pois, as tensões destes conflitos conduziram a sociedade para uma reflexão acerca de sua existência e visão de mundo (HRYNIEWICZ, 1998). A guerra gerou um certo espanto social por conta da objetificação do ser humano, ou seja, este foi tratado mais como um objeto do que como um ser digno da vida, pois:

[...] irradia-se do continente europeu, espalhando-se por todo mundo, o movimento filosófico existencialista. A experiência traumática da guerra gerou um ambiente de desânimo e desespero, sentimentos que atingiram particularmente a juventude, descrente dos valores burgueses tradicionais e da capacidade de o homem solucionar racionalmente as contradições da sociedade. O existencialismo surge e se desenvolve justamente em meios a essa crise, repercutindo à medida que suas teses correspondiam e esclareciam o momento histórico sobrevivendo à guerra. Daí, certamente, o motivo por que o movimento se propagou tão rapidamente [...] tanto quanto uma doutrina filosófica, o existencialismo passou também a ser identificado como um estilo de vida, uma forma de comportamento, a designar toda atitude excêntrica, que os meios de comunicação divulgavam com estardalhaço, criando uma autêntica mitologia em torno do movimento adeptos a vida (PENHA, 2001, p. 7).

Em meio a esse conflito começa a crescer a nomenclatura da palavra **existencialismo**, cujo sentido visava entender esses sofrimentos causados pela guerra e como o homem age diante disso. Reparemos que diante de uma guerra sangrenta, um grande contingente de pessoas teve suas vidas ceifadas e isto gerou um certo pessimismo social.

Esses acontecimentos deixaram a Alemanha amedrontada, ferida e desanimada, com isso, levanta-se uma nova sociedade cansada de valores já concebidos, naquele ambiente social. Começa-se uma nova forma de ser, pensar e agir. Severo Hryniewicz (1998), confirma que o acontecimento da Segunda Guerra Mundial contribuiu para a consolidação da filosofia da existência, ao afirmar que “[...] Tais circunstâncias favoreceram a difusão da visão pessimista, [...] deve-se considerar o existencialismo como um movimento típico do século XX” (HRYNIEWICZ, 1998, p. 462).

Assim, o existencialismo emerge não somente de um percurso ligado exclusivamente à filosofia, mas dialoga com outras formas de expressão humana: meios de comunicação, jornais, teatro e entre outros. A cultura expressa então um papel fundamental para aplicação e reflexão acerca da filosofia da existência, nela se encontra o espaço primordial da expressão dos anseios do homem (PENHA, 2001).

Aquele mesmo povo e até o mundo abriu os seus olhos a um novo tempo, uma nova era, visando olhar uma outra concepção desses conflitos e de mundo. Com essa nova forma de se pensar, fora daquilo que já se tinha, surge um movimento filosófico existencial, além daqueles padrões da coletividade. Que até o momento não se pensava.

Nesta ocasião as pessoas começaram a implantar esse pensamento em suas vidas, como uma nova forma de se entender e conhecer o homem, o que foi um grande escândalo na época, tanto para aqueles que eram a favor dessa filosofia, tanto para aqueles que não eram.

É plausível mencionar que o termo **existencialismo** não ficou restrito aos muros das universidades, mas sim, ultrapassou fronteiras. Um pensamento que teve seu início na Europa chegando em outros continentes. O Filósofo Gabriel Marcel, em 1945. O percurso do termo **existencialismo** para abarcar essa filosofia, que tem a concepção de colocar o ser humano no centro, dando a ele responsabilidade de suas más ou boas ações, sendo responsável por si e por todos (ZILLES, 1995).

Essa concepção estava causando um estranhamento na sociedade daquela época. Estamos falando de um período em que as informações não chegavam com tanta eficiência como hoje em dia, de certo, isso causou um alvoroço naquela época em que o homem se tornou o centro de tudo, e não Deus, quebrando o paradigma entre Deus e o homem.

Observemos que, a guerra muda a concepção do ser humano, da maneira de lidar com os conflitos e como ela abre a janela para uma nova concepção dessa realidade. Como citado acima, podemos entender que o termo existencialismo tem Gabriel Marcel como referencial do uso desta terminologia, mas o filósofo precursor do existencialismo foi Soren Kierkegaard¹, que será o difusor do termo. Evidenciamos que:

[...] Kierkegaard que, é claro, teria também influenciado outros pensadores do existencialismo, inclusive, para além do contexto germânico. Contudo, como sabemos pela tradição filosófica, o pensador dinamarquês é considerado para o bem e para mal, uma espécie de “pai fundador” do

¹ Concordamos com Zilles (1995) ao afirmar que “[...] as teses do existencialismo contemporâneo remetem sempre ao filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard” (ZILLES, 1995, p. 21), e com Abbagnano (2007) que afirma que é a Kierkegaard “[...] que os filósofos da existência costumam reportar-se” (ABBAGNANO, 2007, p. 461). Por este motivo, aqui o apresentamos como o precursor do existencialismo (filósofo existencialista), por ser referência aos filósofos posteriores, inclusive Marcel, que criou a terminologia existencialismo (ZILLES, 1995).

existencialismo do século XX. Assim, um ponto nos parece evidente o existencialismo advém de uma matriz religiosa [...] (PAULA, 2020, p. 569).

Gabriel Marcel conseguiu traduzir como corrente filosófica o pensamento e reflexão de Kierkegaard e outros filósofos que abordavam a existência, por este motivo, ele torna mais claro qual a análise da filosofia contemporânea em relação a existência. Com o termo cunhado por Gabriel Marcel, a existência passa a ter uma notoriedade maior nas elocubrações filosóficas e por conseguinte, passa a ser considerada um componente central (ZILLES, 1995).

Fato é que Kierkegaard² já havia dado passos largos em sua filosofia no que tangia a existência como componente filosófico, ainda com uma linguagem influenciada pelo luteranismo (sua religião), mas que colocava o homem diante da sua existência como realidade a ser reconhecida e trabalhada. Diferentemente dos filósofos da antiguidade, Kierkegaard coloca a existência do homem no mundo em primeiro lugar, que antecede as definições metafísicas ou religiosas (PENHA, 2001).

Expomo-nos aqui até o momento a origem do termo, como essa palavra começa a ganhar certa força e os motivos pelos quais essa corrente filosófica cria no cotidiano das pessoas uma nova forma de se pensar a sua existência enquanto indivíduo. Desta forma, podemos afirmar que Kierkegaard deu passos largos na compreensão contemporânea sobre a existência, dando bases, para que Marcel se aprofundasse na reflexão e condensasse sua filosofia no conceito do existencialismo.

Logo, tivemos a oportunidade de ver como os sofrimentos da existência fizeram com o que este existencialismo ganhasse não somente notoriedade, mas tivesse autores que pensassem em uma corrente na qual o homem é responsável por suas ações e escolhas.

Tendo a origem do termo existencialismo na filosofia de Gabriel Marcel, podemos passar agora para a difusão das correntes que estão vinculadas ao existencialismo de alguma forma. Em outras palavras, qual **a base comum** destas correntes de pensamento?

² Kierkegaard não tinha como intencionalidade criar o existencialismo, e sim lidar com suas expectativas irrealizáveis, ou seja, podemos dizer que ele não tinha uma ideia cristalizada e formulada de criar essa corrente filosófica, apesar de sua filosofia possuir elementos que nos leva a entender o ser como é (ZILLES, 1995).

2.1 A RELAÇÃO ENTRE VIVÊNCIA E FILOSOFIA NO EXISTENCIALISMO

Chegamos agora a um próximo tópico de nossa pesquisa, tivemos a oportunidade de perceber como essa filosofia teve seu auge no século XX e como também essa corrente filosófica não somente transformou a vida da Europa, mas também do mundo e como ela de uma certa forma abriu os olhos do mundo a uma nova realidade da sociedade. É necessário ser dito que ainda vamos elencar os principais tópicos dessa corrente filosófica.

O existencialismo teve tanta proporção no mundo que foi trabalhado por vários filósofos, ainda que, no início eles não tivessem a ideia de se inserirem nesse termo. Essa filosofia foi abordada em diversas áreas, seja pelos cristãos, pelos ateístas, pelos marxistas ou outros. De acordo com o autor:

É bastante difundida a opinião de que na filosofia existencialista, pela própria natureza de seus temas, a contribuição pessoal predomina sobre os demais aspectos. De acordo com esse raciocínio, existiram vários tipos de existencialismo, cada um correspondendo a determinado autor, à sua visão individual dos problemas humanos, às particularidades da vida privada do filósofo. Por isso mesmo, o existencialismo seria menos uma doutrina, no sentido próprio do termo, do que um filosofar, uma maneira de o homem se expor a si mesmo, reconhecendo-se autenticamente nesse ato. Basicamente, portanto, o existencialismo siga a expressão de uma experiência singular, individual, um pensamento motivado por uma situação muito particular (PENHA, 2001, p. 13).

Sendo assim, como já tínhamos tratado logo acima, essa filosofia além de ser extensa, **tem algo de muito particular do filósofo que a trabalha**. Sartre afirmava sobre a existência humana a partir daquilo que viveu no campo de concentração e de suas experiências vividas, por esse motivo expôs esse existencialismo que daria ao homem plena consciência de sua vida e responsabilidade.

Kierkegaard também teve uma experiência de crise existencial que o conduziu a uma reflexão filosófica profunda acerca de si mesmo e de sua relação com o mundo. “Criado dentro dos princípios da religião luterana, que proclama a natureza pecaminosa do homem e sua tendência corrompe-se” (PENHA, 2001, p.14). Portanto, o existencialismo é uma filosofia que permite o ser humano pensar como ele é no mundo. Não somente o ser jogado aí, mas como uma expectativa de entender qual o seu propósito e o que pode ser feito para que ele seja realmente feliz.

Tendo visto a relação íntima entre a vida e pensamento destes filósofos podemos passar agora à abordagem daqueles elementos comuns entre suas

perspectivas. Estes pensadores, ainda que tenham passado por experiências de vida diferentes, em alguns pontos se tangenciam, como será apresentado adiante.

2.2 ELEMENTOS FUNDAMENTAIS DO EXISTENCIALISMO

O que há de comum entre os filósofos existencialistas é que estes não são tão próximos às ideias de essência e da metafísica por assim dizer. Os filósofos da existência buscam na vivência humana elementos cruciais para seu pensamento, ou seja, todas as experiências humanas têm algo que pode iluminar o saber filosófico. Durante a história da filosofia antiga, medieval e moderna as questões do saber giravam em torno do conhecimento, já no existencialismo a questão parte “[...] do **existente humano que somos** para chegar à questão do ser” (ZILLES, 1995, p. 16, grifo do autor). Assim, concordamos com Severo Hryniewicz (1998), que considera o ponto de partida do existencialismo fora da filosofia sistemática, e mais ligado ao sentido de liberdade e vivência do homem, portanto:

As características comuns são aversão à filosofia sistemática, a consideração da existência concreta como ponto de partida e ponto de referência das reflexões filosóficas e a análise de temáticas que fogem dos alcances da razão lógica, tais como, a angústia, o desespero, o sentido da liberdade, a intencionalidade etc. Nesta mesma conferência, Sartre cunhou a frase que se tornou uma espécie de lema do existencialismo: ‘**A existência precede a essência**’ [...]” (HRYNIEWICZ, 1998, p. 461, grifo do autor).

Desta maneira, percebemos que a existência é componente que guia o pensamento humano e o constrói enquanto sujeito da sua realidade. Distintamente dos filósofos antigos, os pensadores existencialistas não defendem uma predeterminação do homem, por assim dizer, uma essência. Ao contrário, pregam que esta é construída no desenrolar da vida, de acordo com as vivências e reflexões.

Por isso, a sistematização da filosofia não é bem-vinda no existencialismo, ela não pode estar fechada num sistema fechado devido a existência humana ser um elemento em constante movimento e suscetível de vivências como o desespero, angústia e liberdade. Aqui, aquela solidez e fechamento de um sistema puramente racional não encontra espaço, por não estar tão ligado a esta imprevisibilidade do elemento existencial.

Sobre a questão da inautenticidade do ser, vários filósofos existencialistas trataram dela, visto que a existência para eles, deve ser assumida em toda a sua

responsabilidade, gerando assim um ser autêntico. Zilles (1995) aborda esta questão, conforme segue:

O ser inautêntico chega a considerar-se uma coisa entre as coisas. Foge da responsabilidade pessoal. Para Sartre, a existência inautêntica é a do ser humano que se mantém na consciência sonolenta, na incapacidade de se decidir pela lucidez e pela liberdade. Para G. Marcel, a vida inautêntica é essencialmente indisponibilidade e possessividade (ZILLES, 1995, p. 16).

Portanto, no existencialismo, o componente de reflexão acerca de si mesmo e da própria existência é de grande valor, pois a partir desta é que emergem os critérios de autenticidade e inautenticidade, de forma que, o homem tem de optar por uma das diversas possibilidades de existir. Quando o homem opta por uma possibilidade de ser e se expressar no mundo, e vive de acordo com aquilo que optou, este se torna um ser autêntico.

É importante ressaltar que para os existencialistas a existência está no âmbito da humanidade, não se trata da existência dos animais ou seres vivos de modo geral. Isto por que o modo de existir do homem se dá de modo diferente dos demais seres, ele é o único que consegue dar à realidade à sua volta significado e valor, bem como é o único que pode ter uma ação livre (WOODWARD, 2016).

A **possibilidade**, portanto, é um componente importante no discurso existencialista. Batista Mondim, também evidencia esta peculiaridade do **fator possível**, ao comentar sobre Heidegger, quando afirma que: “[...] a existência é a propriedade do homem não estar fechado em sua essência, mas encontrar-se fora de si (*ex-sistere*), encaminhando em direção às próprias possibilidades” (MONDIM, 2006, p. 367).

Acerca deste tema trataremos mais à diante quando abordarmos a possibilidade na consciência em Sartre, visto que este também aborda sobre o ser autêntico e inautêntico, concebendo o existencialismo como: “[...] uma doutrina que torna a vida humana possível e que, por outro lado, declara que toda verdade e toda ação implicam um meio e uma subjetividade humana” (SARTRE, 1978, p. 4).

A possibilidade de um tipo de vida gera uma certa angústia no ser humano, pois a escolha autêntica de uma perspectiva de vida gera no ser humano uma pressão muito grande na consciência, a angústia aparece em muitos filósofos existencialistas ao longo da história.

Outro fator que sempre aparece nas filosofias existencialistas é o da **morte**, diante desta realidade surgem muitas elocubrações sobre o sentido da existência e para onde ela caminha. A morte pode desembocar numa realidade transcendental ou no nada por assim dizer, fato é que esta experiência desconhecida tem um caráter importante no existencialismo. Zilles (1995) afirma que diante da morte, a filosofia pode tomar duas direções que apontam:

[...] dois caminhos diferentes: o caminho feliz da esperança, da experiência iluminada ou a experiência noturna do **absurdo** e do desespero. Enfim, trata-se de uma opção alternativa entre mundo e Deus, entre imanente e transcendente. Enquanto a experiência noturna tenta **afastar** da massa em geral, do inautêntico e, da angústia, o caminho feliz **se orienta** para o Ser ou para Deus. Desta tensão pode concluir-se que é comum às diversas filosofias da existência uma concepção dramática do destino do homem (ZILLES, 1995, p.17, grifo do autor).

Esta dramaticidade comum às filosofias da existência está justamente no fato de ter que lidar com a morte como uma perda total no nada, ou, como um encontro com um mistério que nos escapa e que é maior do que nós (Deus). Fato é que a existência está sempre diante deste drama.

Assim, Sartre possui uma contribuição notória acerca da realidade da morte e por conseguinte, sobre como o homem deve lidar com a sua existência. Neste sentido, abordaremos no próximo tópico como esse existencialismo de Sartre ganha força na Europa, e quais são os elementos desta perspectiva.

3 O EXISTENCIALISMO É UM HUMANISMO

Tendo apresentado no capítulo anterior, a origem do termo existencialismo e quem foi o precursor dessa filosofia e como o existencialismo ganha força na Europa na segunda guerra mundial, nesta seção abordaremos as críticas que Sartre tinha recebido tanto das pessoas que eram cristãs, como também da Igreja Católica Apostólica Romana. Além disso, abordaremos a origem da obra **O Existencialismo é um Humanismo** (1978) que se dá a partir do livro **O ser e o Nada** (1939).

Sobre esse existencialismo que os preocupou pela forma com a qual o francês abordava a existência humana e como também esse existencialismo ganhou força na Europa e como essa corrente despertava o pior do ser humano; que levava a ficar em um quietismo e a negação de Deus. Com base nestes comentários, o francês publicou **O Existencialismo é um Humanismo** (1978) em 1946, no qual busca se defender dessas críticas e explorar o significado ético do existencialismo.

Nesse sentido, o filósofo busca sustentar suas ideias sobre o existencialismo, enfatizando ainda mais seus escritos com a seguinte afirmação: "Gostaria de defender aqui o existencialismo contra um certo número de críticas que lhe têm sido feitas" (SARTRE, 1978, p. 3). Isso ocorreu, possivelmente, devido ao fato de sua primeira obra **O Ser e o Nada** (1997) ter sido extensa e de grande volume, o que pode ter dificultado a compreensão por parte dos leitores em relação ao que ele desejava destacar sobre a existência. Por isso, ressaltamos que:

No Existencialismo é um humanismo, manifesto onde Sartre pretendeu mostrar a quintessência teórica de O Ser e o Nada, o filósofo tenta uma saída para os numerosas críticas que se dirigiam contra seu pensamento: a de apresentar uma visão demasiadamente sombria da vida, de acentuar um pessimismo negro e desumano, a de escandalizar com seu naturalismo, similar, aliás, ao dos romancistas da época, complacentes com tudo o que fosse "feito" na vida humana. Daí o ensaio ter um título que precisa defender o "humano", ressaltando algumas teses principais de sua vida do mundo, de uma maneira que pretende ser menos pessimista (GOIAS, 2007, p. 12, grifo do autor).

Diante das críticas, Sartre, em uma conferência, lançou o livro **O Existencialismo é um Humanismo** (1978) com o objetivo de esclarecer aos seus críticos o verdadeiro significado da existência humana. Ele procurou atribuir ao homem a responsabilidade por suas ações e destacou que essa responsabilidade é uma carga que recai sobre ele.

O filósofo busca uma perspectiva lógica em oposição ao desespero e pessimismo. Ele procurou oferecer uma visão mais equilibrada da realidade da condição humana. Sartre procurou se distanciar um pouco de um certo romantismo da vida, que levava a existência a um lugar quase que metafísico e sagrado, em contrapartida, ele seguiu uma certa racionalidade existencial (PENHA, 2000).

No entanto, os cristãos expressaram grande preocupação em relação à maneira como Sartre abordou a existência, pois sua filosofia existencialista, de certa forma, ainda poderia levar o homem à angústia e ao desespero, levando-o a ver o lado sombrio da vida e a uma sensação de falta de perspectiva. Diferentemente do cristianismo, que tem através da fé uma esperança para o pós-morte e para a construção de um mundo melhor e mais justo. Por isso, Penha afirma que:

Inicialmente, os críticos se levantam contra a linguagem da obra, extremamente difícil, diziam. Ficou célebre, aliás, o comentário de Paul Foulquié, um dos pioneiros no estudo do existencialismo, segundo o qual bastariam os dedos das mãos para enumerar os leitores que, pacientemente, leram linha por linha *O Ser e Nada*, é menos ainda para apontar os que, com sinceridade, declararam tê-lo compreendido integralmente. *O Ser e o Nada* apresenta-se árida para o leitor familiarizado com os grandes temas filosóficos, contudo, a leitura de outros clássicos da filosofia não é menos árdua. De qualquer forma, Sartre, menos por admitir procedência a objeções desse teor, que preocupado em desfazer equívocos e distorções em torno de suas ideias, achou oportuno divulgar seu pensamento entre um público mais amplo. Para tanto, pronunciou num clube parisiense a conferência intitulada *O existencialismo é um Humanismo* (PENHA, 2001, p. 41).

Conforme mencionado anteriormente, o livro **O Ser e o Nada** (1997) uma obra muito extensa considerada de difícil compreensão, no que levou até mesmo os leitores familiarizados com esse tipo de escrita a não entender completamente algumas de suas passagens. Paul Foulquié (1893-1983) chegou até a dizer que era apresentada como árida, como mencionado na citação acima.

Devido a essa dificuldade de compreensão e à necessidade de esclarecer suas ideias, Sartre optou por realizar a conferência intitulada **O Existencialismo é um Humanismo** (1978) como uma tentativa de tornar mais acessíveis os conceitos apresentados em sua obra anterior. No entanto, essa ênfase na exaltação da existência humana e a colocação de Deus em segundo plano geraram críticas, especialmente por parte de cristãos.

Essas críticas não se limitaram apenas à falta de compreensão por parte dos leitores, mas também à maneira como Sartre enfatizou a responsabilidade do ser

humano por suas ações. Abordaremos essas críticas no próximo item, especialmente aquelas proferidas pela Igreja Católica e por alguns pensadores cristãos.

3.1 A CRÍTICA AO EXISTENCIALISMO SARTREANO

Deste modo, tomando consciência da relevância do conceito na Europa dando destaque para tempo vivido, assim podemos apontar alguns impactos no século passado, destacando sobretudo as críticas contundentes que o pensador recebeu em relação à sua filosofia. A Igreja Católica, através do Papa Pio XII (1939-1958) emitiu a carta encíclica *Humani Generis* (1950) que abordou a questão da centralização e o empoderamento do ser humano, colocando Deus em segundo plano. A encíclica em questão, se insere no contexto das teses modernistas, ou seja, numa visão da fé a partir dos elementos científicos e sociais, colocando em segundo plano as questões sobrenaturais. Assim, a carta procurou combater esta tendência da época, reafirmando o caráter transcendental da fé.

Dentre as tendências que a encíclica em questão combate estão também o comunismo, o evolucionismo e o historicismo, ou seja, correntes que vão contra a fé no Deus cristão ou que o colocam em segundo plano. Tal obra não nega o valor da razão e do pensamento lógico, mas diz que este não alcança toda a verdade que está na fé em Deus.

O existencialismo sartriano como já destacamos começou a ganhar notoriedade durante o período pós-segunda guerra mundial, na Europa. O próprio Sartre, que foi capturado e enviado para um campo de concentração, passou por uma profunda reflexão existencial após sua fuga. Foi nesse contexto que ele começou a desenvolver sua filosofia, na qual enfatizava a responsabilidade individual pelas ações.

Essa filosofia trouxe uma nova perspectiva sobre a experiência do próprio existir, não se limitando apenas à Europa, mas também influenciando outros países e instituições acadêmicas. Ela levou as pessoas a refletirem sobre suas ações e seu modo de vida na sociedade, o que resultou em uma maior consciência da responsabilidade individual.

Além disso, essa abordagem existencial colocou Deus em segundo plano, pois colocava o homem no centro de suas responsabilidades, o que atraiu a atenção da igreja para esse movimento filosófico. Para alguns, isso gerou um profundo

desespero, uma vez que a filosofia existencialista confronta o ser humano com a responsabilidade total por suas escolhas e ações, sem a segurança de uma orientação divina.

Por causa do seu pensamento da forma com a qual abordou o existencialismo, despertou uma revolta entre os filósofos cristão em torno de um existencialismo que destacar por completo Deus e coloca no centro o homem. Isso de certo provou a ira dos cristãos sobre a sua filosofia existencial e que levaram a levar duras críticas. Dentre estes críticos está o já citado Gabriel Marcel, que defende um existencialismo que parte da “[...] comunicação ou o ser com o outro” (ZILLES, 1988, p. 65), sendo uma ideia contrária à de Sartre que “[...] dificulta determinar as relações com outrem” (ZILLES, 1988, p. 65).

Mas a final de contas, qual real motivo levou os cristãos, particularmente a Igreja Católica Apostólica Romana, a se preocuparem com existencialismo sartriano? Partindo desta questão, notamos que o interesse e a preocupação da Igreja Católica em relação ao existencialismo sartriano estão ligados a várias razões, entre as quais, podemos destacar algumas:

Primeiro, a **ideia ateísta** que o existencialismo aponta, em sua ênfase na liberdade individual e na responsabilidade pessoal, frequentemente desconsidera ou coloca em segundo plano a dimensão religiosa da existência. Sartre defendeu uma visão secular do existencialismo, que não dependia da existência de Deus. Isso levou a Igreja Católica a considerar o existencialismo como uma filosofia ateísta, contrária aos princípios religiosos (ZILLES, 1988).

Segundo, a **autonomia Individual**, valoriza a autonomia e a autenticidade pessoal, enfatizando que os indivíduos são responsáveis por criar seu próprio significado e propósito na vida. Isso pode ser percebido como uma ameaça à autoridade e aos ensinamentos da igreja, que tradicionalmente desempenham um papel central na orientação moral e espiritual das pessoas (PENHA, 2001).

Terceiro, o **abandono da moral religiosa**, ao destacar a responsabilidade individual, pode levar alguns a abandonar normas e valores morais tradicionalmente ligados à religião. Isso preocupou a Igreja, que viu o existencialismo como uma filosofia que poderia minar a ética religiosa em favor de uma ética secular.

Quarto, **as questões sobre a existência de Deus**, frequentemente coloca em xeque a existência de Deus e a natureza da fé religiosa. Sartre e outros filósofos existencialistas exploraram a ideia de que os seres humanos estão "condenados à

liberdade", o que implica que não podem se refugiar em uma fé religiosa como uma resposta fácil para os dilemas existenciais (ZILLES, 1988).

Dado isso, as preocupações da Igreja com o existencialismo sartreano estão relacionadas à sua visão secular, ênfase na autonomia individual e potencial para questionar as bases da religião tradicional, levando a Igreja a considerar essa filosofia como uma ameaça aos princípios religiosos e morais que ela promove. Vendo isso, o autor ressalva que:

[...] vale dizer do homem, faz da doutrina existencialista uma filosofia que prescindir inteiramente da ideia de Deus. Sartre tira todas as consequências desse ateísmo, eliminando qualquer fundamento sobrenatural para os valores: é o homem que os cria. A vida não tem sentido algum antes e independentemente do fato de o homem viver: o valor da vida é o sentido que cada homem escolhe para si mesmo. Em síntese, o existencialismo Sartreano é uma radical forma de humanismo, suprimindo a necessidade de Deus e colocando o próprio homem como criador de todos os valores (SARTRE, 1978, p. 12).

Desse modo, os cristãos expressaram preocupação em relação à abordagem filosófica de Sartre, principalmente devido à sua rejeição da ideia de Deus, que é vista pelos cristãos como uma presença que guia o ser humano em espírito e verdade, derramando Sua sabedoria sobre ele. Sartre coloca sobre o ser humano uma responsabilidade que pode manifestar a angústia.

Sartre atribui ao homem a responsabilidade pela criação de valores, que segundo ele, são construções humanas. Ao fazer isso, Sartre parece remover a obrigação moral que tradicionalmente pesa sobre os seres humanos em relação a Deus e à moral religiosa. Essa abordagem gerou críticas significativas de vários filósofos cristãos em relação à filosofia de Sartre. Com isso convém evidência que:

Os existencialistas eram acusados de pregar ideias dissolventes. Sua reflexão filosófica, dizia-se, era mórbida, sombria, amarga, preocupada em explorar o lado sórdido da existência humana, fixando-se nas exceções da vida. Corruptos, amorais, degradadores, perniciosos, pregoeiros do desespero a se comprazerem no tédio e na melancolia. Enfim, uma torrente de injúrias cobria os existencialistas. Estes, em réplica, afirmavam que seu comportamento não podia ser julgado mediante os padrões vigentes, pois tinham como projeto (uma das palavras-chave do vocabulário existencialista) justamente lançar as bases de uma nova moral. [...] Jacques Maritain (1882-1973), católico, classificava a filosofia de Sartre de uma "mística do inferno". No Brasil, o pensador de Athayde escrevia: "Sartre, sem dúvidas, é detestável" (PENHA, 2001, p. 8, grifo do autor).

Dado isso, observamos a reação crítica que os existencialistas enfrentaram. Sendo assim, acusados de promover ideias que eram vistas como corrosivas para os valores tradicionais. Sua filosofia era rotulada como mórbida, sombria e amarga, pois, pareciam focar nos aspectos negativos da experiência humana, explorando situações excepcionais e retratando a vida de forma pessimista. Como podemos notar, os chamavam de corruptos, amorais, degradantes e acusavam-nos de disseminar o desespero, enquanto se debruçavam na monotonia e melancolia.

Em resposta a isso, os existencialistas argumentavam que não deveriam ser julgados pelos padrões morais convencionais, pois estavam tentando estabelecer as bases de uma nova moral, baseada na liberdade e na responsabilidade individual. Essa divergência gerou uma intensa controvérsia, e até mesmo figuras religiosas. O pensador brasileiro de Athayde expressou abertamente seu desagrado em relação a Sartre, chamando-o de detestável (PENHA, 2001). Pela forma com a qual abordava a figura humana e a sua existência.

Gabriel Marcel, filósofo existencialista francês, já citado, foi um crítico notável do existencialismo de Jean-Paul Sartre. Onde no ano de 1988, Marcel expressou várias críticas ao existencialismo de Sartre e suas concepções filosóficas. Marcel também criticou Sartre pelos mesmos motivos citados acima bem como: o materialismo e reducionismo, pela falta de esperança e sentido, pelo individualismo extremo, pelo desprezo da moral e dos valores e pela visão totalitária da liberdade (ZILLES, 1988). Suas críticas contribuíram para um debate significativo dentro do movimento existencialista e demonstraram a diversidade de perspectivas dentro desse campo filosófico. Destacando que:

Parece que, para Sartre, não existe o problema da fé. Mas, notemos que seu ateísmo é postulado, ou seja, professado, em primeiro lugar, contra o Deus atrás de nós, o Deus o criador do mundo e do homem. Não coloca a questão Deus como juiz futuro, como “Deus conosco”. Deste modo, na obra *O existencialismo é um humanismo*, em última análise, o eu absoluto é o criador soberano do mundo do homem. É criador de si mesmo, a existência todopoderosa da liberdade. Tendo excluído Deus, deve haver alguém que invente os valores. Dizer que nós inventamos os valores significa que a vida não tem sentido *a priori*. Assim, por humanismo entende aqui, uma cosmovisão que renuncia a Deus e se concentra sobre o homem. Há, pois, a negação de qualquer sentido para além do próprio homem. A liberdade do homem, que projeta a si mesmo, leva em si todo o peso da existência. Por isso o homem sartriano fica cativo de sua liberdade e do absurdo da mesma. Todo o sentido está no incondicional do espaço, como o apresenta de maneira coerente (ZILLES, 1988, p. 63, grifo do autor).

Conseqüentemente, nota-se que Sartre é caracterizado como um ateu que rejeita a concepção de um Deus criador do mundo e da humanidade. Ele não considera Deus como um juiz futuro ou um "Deus conosco". Em vez disso, Sartre enfatiza a ideia de que o eu absoluto, ou seja, o indivíduo humano, é o criador soberano tanto de seu próprio ser quanto do mundo, exercendo uma liberdade total e absoluta.

Deste modo, após excluir Deus de sua cosmovisão, Sartre argumenta que os valores devem ser construídos pelo ser humano. Isso implica que a vida não possui um significado intrínseco, e cabe aos seres humanos a responsabilidade de conferir significado às suas próprias existências.

Além disso, é relevante notar que o termo **humanismo** é utilizado aqui para descrever a visão de Sartre, que concentra o enfoque exclusivamente na condição humana, negando qualquer significado ou propósito que transcenda o próprio ser humano. A liberdade do ser humano, que o capacita a autodeterminar-se, é considerada como um fardo, uma vez que ele é encarregado de conferir sentido à sua própria existência em um mundo aparentemente destituído de significado.

A posição de Sartre pode ser resumida a partir de suas próprias palavras: "O homem não é outra coisa senão o que ele faz" (ZILLES, 1988, p. 63). Ele enfatiza que os seres humanos são responsáveis por assumir o controle de seu próprio destino e que a liberdade traz consigo a responsabilidade. No entanto, essa perspectiva levanta questões sobre as limitações impostas pelo ambiente circundante e se o sujeito autônomo é, de fato, capaz de total autonomia.

Sartre desafia a ideia de um Deus criador, ou seja, um ser que transcende a existência humana e coloca o homem como o criador soberano, isto é, o sujeito que cria Deus, com isso, ele destaca a falta de uma graça divina em sua filosofia, já que o homem está desconectado do ser. Ele argumenta que os seres humanos são responsáveis por criar valores e sentido em um mundo supostamente sem sentido.

Zilles partindo do pensamento Gabriel Marcel critica a filosofia de Sartre, alegando que ela elimina o conceito de paternidade como valor e realidade, promove a hostilidade entre as pessoas e parece negligenciar o amor. Marcel destaca a importância da transcendência e da busca de Deus em contraste com a abordagem exclusivamente humana de Sartre (ZILLES, 1988).

Marcel acredita que a existência é uma presença que envolve o ser humano em todos os níveis e enfatiza a intersubjetividade e a participação amorosa nas

relações humanas. Ele se opõe à objetividade e ao materialismo, argumentando que eles esvaziam o homem de seu conteúdo interior e limitam a comunicação dialógica. (HRYNIEWICZ, 1998).

Em resumo, Sartre enfatiza a responsabilidade e a liberdade individuais, enquanto Marcel destaca a importância das relações interpessoais, da transcendência e da busca por um significado superior na vida. Suas filosofias representam abordagens contrastantes à questão da existência e da liberdade humanas (ZILLES, 1988, p. 64). Sendo assim, no próximo tópico abordaremos esse existencialismo ateu, mas agora sob a prescrição de Sartre e não de seus críticos.

3.2 O SENTIDO DO EXISTENCIALISMO EM SARTRE

No contexto do existencialismo de Jean-Paul Sartre, podemos afirmar que o ser humano, a partir de sua existência no mundo, emerge como o sujeito responsável por conceber seu próprio sentido e propósito. **O existencialismo ateu** de Sartre se contrapõe ao pensamento cristão, uma vez que, para ele, não existe nenhum ente divino ou transcendental que determine a natureza humana.

Conforme delineado pelo filósofo francês, não há uma essência pré-definida que determine a condição humana. Sartre argumenta que, na ausência de Deus, a “[...] existência precede a essência” (SARTRE, 1978, p. 6). E é o próprio ser humano quem tem o poder de definir sua própria identidade. Salientamos que:

Quando concebemos um Deus criador, esse Deus identificamo-lo quase sempre com um artífice superior; e qualquer que seja a doutrina que consideremos, trate-se de uma doutrina como a de Descartes ou a de Leibniz, admitimos sempre que a vontade segue mais o menos a inteligência ou pelo menos a acompanha, e que Deus, quando cria, sabe perfeitamente o que cria. Assim o conceito do homem, no espírito de Deus, é assimilável ao conceito de um corta-papel no espírito industrial; e Deus produz o homem segundo técnicas e uma concepção, exatamente como o artífice fabrica um corta-papel segundo uma definição e uma técnica. Assim o homem individual realiza um certo conceito que está na inteligência divina (SARTRE, 1978, p. 5).

Sartre rejeita a noção transcendental de que o indivíduo é criado por um ser divino, sustentando, que o sujeito se configura a partir de sua própria existência. Tal posicionamento implica a uma perspectiva mais ampla e uma abordagem de vida na qual a existência é autenticamente construída pelo próprio indivíduo. De acordo com o autor, a ideia transcendental de que o indivíduo é criado por uma divindade é

inexistente; em vez disso, ele argumenta que o sujeito, por meio de sua existência, forja a si mesmo (SARTRE, 1978). Essa abordagem proporciona ao ser humano uma visão mais ampla e uma maneira de viver distintamente, ao mesmo tempo em que confere a ele a responsabilidade primordial por sua própria existência.

O francês questiona profundamente a crença na existência de Deus e estabelece que, em sua individualidade, ou melhor, em sua particularidade como ser humano, o indivíduo se constitui como algo. O filósofo afirma que o existencialismo é um conceito que viabiliza, ou seja, torna a vida do homem possível a partir da sua existência. No entanto, sua principal preocupação reside em analisar o indivíduo em sua situação concreta e atribuir-lhe a responsabilidade correspondente.

A forma pela qual a existência do ser é lançada no mundo, portanto, levando em conta o que o sujeito escolheu, portanto, determina o início de suas experiências e a tomada de decisões, o que, por conseguinte, oferece ao indivíduo a capacidade de pensar de maneira genuinamente livre, desvinculada da premissa de que Deus teria criado o ser humano, e sem restrições ou limitações associadas a essa ideia, ou seja, não somente de Deus, mas de todas as justificativas que desviava a responsabilidades do homem em suas ações. Desta forma, Sartre ressalta que:

[...] o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e que só depois se define. O homem, tal como o concebe o existencialista, se não é definível, é porque primeiramente não é nada. Só depois será alguma coisa tal como a si próprio se fizer. Assim, não há natureza humana, visto que não há Deus para a conceber. O homem é, não apenas como ele se concebe, mas como ele quer que seja, como ele se concebe depois da existência, como ele se deseja após este impulso para existência; o homem não é mais que o que ele faz (SARTRE, 1978, p. 6).

Diante disso, afirmar que, primeiro o homem existe, não tem nada antes da sua existência, se descobre, surge no mundo. Neste sentido o homem primeiramente existe e só depois se define. Antes da existência não há nada, não há uma natureza, uma essência que o determine. Para Sartre o homem é lançado no mundo, à sua própria sorte, meio pelo qual não existe nenhuma daquelas concepções, assim sendo, conceitos já formulados.

Assim, pode-se dizer que a filosofia sartreana prega o seguinte *slogan*: “a existência precede a essência” (WOODWARD, 2016, p. 78). Todo o existencialismo do filósofo em questão tem esta tendência como plano de fundo, indicando que o

homem é um ser em construção e reforçando sua total liberdade. Também os valores são construídos e significados por ele.

Para uma melhor compreensão da afirmação de Sartre, **a existência precede a essência**, podemos ilustrar esse conceito com um exemplo: Imagine um carpinteiro que deseja construir uma mesa. Inicialmente, ele adquire todos os materiais necessários para a construção, como madeira, pregos e ferramentas. No entanto, antes mesmo de começar a construir a mesa, ele já tem uma ideia em mente sobre como deseja que a mesa seja, qual será sua forma, tamanho e função (SARTRE, 1978).

Nesse contexto, a **existência** se refere aos materiais brutos, à madeira, aos pregos, entre outros materiais que o carpinteiro possui em mãos. A **essência** é a ideia que o carpinteiro tem em sua mente sobre o que essa mesa será e qual será sua utilidade. O ponto central da filosofia existencialista de Sartre é que, ao contrário desse exemplo, os seres humanos não têm uma **essência** predefinida ou uma ideia anterior que os determine.

Em vez disso, eles existem primeiro, em seguida, definem a si mesmos por meio de suas escolhas e ações ao longo de suas vidas. Portanto, para Sartre, **a existência precede a essência** significa que não temos uma essência intrínseca que nos determine; somos livres para criar nosso próprio significado e identidade através de nossas escolhas e experiências existenciais.

Dessa forma, o ser humano é aquilo que ele constrói de si mesmo. No caso da mesa já existia sua noção de funcionalidade, então antes da sua existência já se tinha um conceito predeterminado, segundo o filósofo para o indivíduo não funcionava assim, não existe nada que o preconcesse, nada que o define-se antes da sua existência, assim sendo, a pessoa primeiramente existe e só depois vai ser algo. Neste sentido:

[...] compreendemos que Sartre deixa às claras uma profunda responsabilidade humana diante de seu próprio projeto existencial. Não há, para o filósofo, nenhuma justificativa ou sentido que anteceda e de fundamento à existência. Somos aquilo que fazemos de nós, a partir de nossas escolhas concretas no mundo e em contraste a ele. A nossa essência se dá num fluxo e paradoxalmente reconhecemos o que somos neste movimento. A ambivalência deste processo está no que reconhecemos de nós, mas, ao mesmo tempo, esta percepção é um vir a ser, horizontal (TEIXEIRA, 2018, p. 4).

Primordialmente, o ser humano simplesmente existe; conseqüentemente, ele projeta um futuro para si mesmo, o que implica a formulação de um propósito. A partir do momento em que a existência humana se manifesta, emerge também a responsabilidade integral, acompanhada da conscientização de sua singularidade. Qualquer que seja a aspiração do indivíduo, independentemente de optar pelo caminho certo ou incerto, de adotar uma postura virtuosa ou desvirtuada, ele jamais deve esquecer que está sobrecarregado com uma determinada responsabilidade, decorrente das escolhas que faz em sua jornada existencial.

Em resumo, antes de tudo, o ser humano simplesmente existe; e é a partir dessa premissa que ele projeta um futuro e assume plena responsabilidade por suas decisões, sempre consciente de sua individualidade única. Isso quer dizer que as coisas precisam ter um sentido para o homem, para que se tenha uma reflexão de determinada opção.

Deste modo, as escolhas humanas recaem com peso sobre o indivíduo, uma vez que a sua amplitude de liberdade pode, paradoxalmente, tornar-se angustiante. Como afirmado, “Somos livres, mas absolutamente sós e sem desculpas” (GOIS, 2007, p. 12). Nossa liberdade é tão abrangente que, em última análise, a concretização de nossos destinos, a direção que escolhemos seguir e inúmeras outras opções são inteiramente responsabilidade nossa. Esse processo é inerente à nossa existência. A existência, nesse contexto, está intrinsecamente ligada à liberdade, de tal forma que, ao sermos responsáveis por nós mesmos, também adquirimos a responsabilidade pelo outro. Por isso, o pensador francês afirma que:

[...] o homem é responsável por aquilo que é. Assim, o primeiro esforço do existencialismo é o de pôr todo domínio do que ele é e de lhe atribuir a total responsabilidade da sua existência. E, quando dizemos que é responsável por si próprio, não queremos dizer que o homem é responsável pela sua restrita individualidade, mas que é responsável por todos os homens (SARTRE, 1978, p. 6).

Nesse contexto, a escolha de viver no mundo: seja agindo de maneira virtuosa ou desvirtuada, com honestidade ou desonestidade. É uma decisão que parte das escolhas individuais de cada ser humano. Conseqüentemente, pode-se compreender que, independentemente da opção tomada, ela inevitavelmente se refletirá no futuro. Se aceitarmos a premissa de que somos o que concebemos da existência e que não

há fatores externos que nos determinem, então, somos, de fato, o resultado direto de nossas ações, portanto, responsáveis pela construção do nosso próprio existir.

Essa compreensão também se aplica à questão da liberdade do ser humano e como, de alguma forma, influencia na sua relação consigo mesmo e com os outros. Como tinha dito logo acima, baseando sempre nas suas escolhas.

Vimos que o existencialismo sartreano está intimamente ligado à liberdade, de tal forma que, somos responsáveis por nós mesmos. Portanto, na próxima sessão, buscaremos tematizar o sentido dessa liberdade e o quanto o homem se angustia diante dela.

4 LIBERDADE: ANGÚSTIA E RESPONSABILIDADE

Depois de termos referenciado os pensamentos do francês sobre o seu existencialismo e a defesa da sua proposta de como o sujeito deveria ver a sua existência sem esse olhar de que Deus já teria pré-concebido o ser humano, nesta seção vamos tematizar o sentido dessa liberdade e o quanto o homem se angustia diante dela.

Sartre conceitua a liberdade como uma **condição intransponível do homem, da qual, ele não pode, definitivamente, esquivar-se**, isto é, o ser humano está condenado a ser livre (SARTRE, 1997). É a partir desta condenação à liberdade que o homem se forma. Não existe nada que obrigue o ser humano agir desse ou daquele modo.

Uma vez que não há nada que determine o homem e que para o filósofo não se tem a ideia de essência humana, pode-se dizer que liberdade é para o ser humano se fundar, ou seja, não há nada que pré-determine o que é o indivíduo. O homem é como ele quer ser. A pessoa ser é responsável pelo que é, pois para o filósofo a ideia de algo que transcende o ser humano, no caso, Deus, a ideia seria puramente criação do homem, pois na visão existencialista do filósofo francês, é o ser humano que cria Deus.

É o homem que se projeta no mundo, a partir do momento que ele existe, se define e começa a fazer as suas escolhas. “De fato, somos uma liberdade que escolhe, mas não escolhermos ser livres: estamos condenados à liberdade, como já foi dito, arremessados na liberdade, ou, diz Heidegger, em derrelição” (SARTRE, 1997, p. 596).

Ao mesmo tempo que o homem tem a sua liberdade, este não tem direito a escolha, uma vez que escolher é uma imposição a condição humana, pois a decisão humana por si só já é limitadora, ou seja, o homem sempre deve escolher entre uma coisa e outra; desta maneira sempre há uma exclusão de uma possibilidade. O significado da vida do indivíduo, logicamente, começa a existir a partir da sua existência neste sentido, é notório a ligação ou melhor a situação do ser humano com o mundo, a maneira com a qual ele vive com o outro e com as situações adversas.

4.1 A LIBERDADE SITUADA

Para Sartre, a liberdade é sempre situada, e que a situação é a configuração real da abertura originária da realidade humana aos possíveis. É esse ajuste fenomenológico que faz com que a liberdade não seja uma categoria transcendental ou uma ideia reguladora, mas um exercício real de construção processo de si mesmo.

É a consideração primordial do processo de existir que faz com que a liberdade, mesmo pensada como espontaneidade radical, não se exerça no vácuo, mas no denso universo de possibilidades, que não devem ser compreendidas simplesmente como princípios de ação, mas como que formando a teia complexa de tudo aquilo que devo afirmar e negar, aceitar e recusar, superar e evitar, transpor e contornar, na sucessão de atos concretos em que cada um se faz ser. Evidenciamos que:

Já em 1943, Sartre reconhece que, livre em consciência, o homem só será livre “em situação” (isto é, no meio onde se acha inserido) se ele agir para modificar a sociedade. A capacidade original de sermos livres, demonstrada em *O Ser e o Nada*, exige uma liberdade a estabelecer no mundo, [...] suprimir a consciência do mundo em que vivemos e limitar-nos às verdades objetivas é o mesmo que eliminar o investigador do campo de sua investigação, enunciando uma verdade independentemente daquele que exprime e esquecer assim que “todo experimentador faz parte do sistema experimental” (PERDIGÃO, 1995, p. 23, grifo do autor).

Quando pensamos em liberdade logo vemos a consciência, pois ela nos faz refletir sobre as responsabilidades de nossas escolhas e o meio em que estamos inseridos. Para Sartre, a liberdade tem a ver com consciência. Somente dessa forma o homem consegue se estabelecer no meio social e no mundo.

Portanto, a liberdade diferente do que muitas vezes se afirmar, não está ligada. “[...] não há liberdade a não ser em situação, e não há situação a não pela liberdade” (SARTRE, 1997, p. 602). Um não existe sem o outro, se não é livre nas questões das situações ou na questão da relação com o outro, é livre no sentido da escolha interior da existência, o Para-si³ é o ato de refletir sobre si mesmo, de tomar consciência de si; o Para-si é um ato livre, você escolhe com a consciência aquilo que você é ou não é (BORNHEIM, 2000).

³ O Para-si é o distanciamento que a consciência faz de si mesmo para a reflexão acerca de si. Exemplificando, para um homem pensar quem ele é, seu pensamento deve distanciar-se de si, como se buscasse desvendar algo que não lhe é claro ainda, neste distanciamento está o Para-si. Como Sartre (1997) afirma, “[...] o Para-si está para além de si” (SARTRE, 1997, p. 155). Assim, o Para-si pode não exprimir também com clareza o que somos, visto que ele é o acreditar que o pensamento que tenho sobre mim mesmo é o verdadeiro.

Para Sartre, a liberdade é intencional, ou seja, ser livre é ter que escolher algo, e na escolha se situa a intenção, o desejar uma das possibilidades que me são apresentadas. Assim sendo, é necessário estar consciente para que se tenha a escolha, neste caso, escolha e consciência são únicas, por exemplo, tenho consciência de que minha condição financeira não permite que eu faça faculdade, porém a minha consciência, faz ver também, essa realidade de uma outra forma, vou fazer um esforço para ganhar um bolsa ou trabalhar para pagar a faculdade, etc. assim, eu tenho um ato de liberdade, pois se a minha questão financeira pode impedir-me de alguma maneira, alcançar meu objetivo, o ato da minha liberdade, a minha consciência escolheu livremente o fato de eu alcançar minha meta.

Por mais que eu esteja condicionado a essa situação a consciência é a minha liberdade, o Para-si não é a reflexão que faço do próprio eu, uma vez que sou responsável por tudo que faço, ainda que as circunstâncias ao meu redor não sejam tão favoráveis assim. O Para-si se constitui como um acreditar naquilo que a própria consciência reflete e afirma.

Por isso, existe uma relação fundamental entre facticidade e liberdade, aquela se constitui como o fato em si, concreto, que me é apresentado por elementos exteriores a consciência, por questões circunstanciais. Mas ainda que existam fatos que me são exteriores, a liberdade continua de pé e se consolidando como um elemento importante e indispensável ao homem, pois, o ser humano pode escolher como entende as situações que passa, sendo livre para refletir e dar valor a elas.

Vários fatores podem, de alguma, forma interferir no meu passado no modo com o qual eu vivi a minha liberdade até mesmo as pessoas. “[...] meu ser está em questão em meu – o que significa que nada vem que não seja escolhido” (SARTRE, 1997, p. 611). A frase acima evidencia o Para-si e a própria consciência na qual estou condicionado, bem como a minha liberdade de escolha. Portanto, ainda que diante de fatos que sejam pesados e adversos a uma existência plena, a consciência pode escolher por entender tais situações de modo positivo ou de modo destruidor. O francês enfatiza que:

[...] a liberdade é apreensão de minha facticidade. Seria absolutamente inútil tentar definir ou descrever o “quid” desta facticidade “antes que a liberdade se reverta sobre ela de modo a captá-la como circunscrito minha localização como uma falta de determinada espécie “não é”, propriamente falando, absolutamente nada, uma vez que não existe a própria extensão a partir da qual se compreende todo e qualquer lugar [...] É somente no ato pelo qual a liberdade descobriu a facticidade e captou-a como lugar que este lugar assim

definido manifesta-se como entrave aos meus desejos, como obstáculo, etc. [...] Mas, precisamente, não poderia haver liberdade a ser restringida, posto que liberdade é escolha (SARTRE, 1997, p. 607, grifo do autor).

O Para-si dá significação ao que aconteceu no caso, a consciência sobre o meu passado é a minha escolha. Se eu não tivesse consciência ela seria um nada para mim, não determinaria a minha liberdade, mas como tenho escolha, a essência do passado é o que a consciência tem do passado o que ela de uma certa forma, foi um grande exemplo seria uma batida de carro que um indivíduo sofreu há algum tempo e de certa maneira marcou profundamente em seu passado.

Tomando consciência de que esse acidente marcou intensamente a sua vida, o homem pode compreendê-lo através do Para-si de modo negativo, constituindo-se um fato que pôs traumas em sua trajetória e que o impeça de seguir uma vida feliz. Ou, ao contrário, pode ser um meio de compreender que teve pelo acaso ou providência a chance de continuar a viver, sendo para sua consciência uma situação de superação.

Essa ressignificação quem dá é você, o indivíduo é livre para dar um novo sentido em sua vida, procurando uma nova maneira de olhar o todo. A liberdade é a apreensão da facticidade. Eu compreendo o fato que está acontecendo, facticidade, a liberdade está na maneira que compreendo os fatos.

Como vimos, a liberdade não pode ser abalada nem mesmo pelos fatos positivos ou negativos da existência, o homem, por assim dizer, é sempre livre e daí surge um elemento fundamental em Sartre: a angústia. Acerca dela trabalharemos no próximo item.

4.2 LIBERDADE: RESPONSABILIDADE ANGUSTIANTE

A liberdade constitui um dos problemas da sociedade contemporânea porque, entre outros temas, trata dos limites da vida coletiva. Para Sartre, a liberdade é condição fundamental da ação e o homem está condenado a ser livre, o homem é livre e sua ação é intencional. O que importa é o caráter intencional; é mesmo essa intencionalidade da ação humana que merece destaque.

A angústia da liberdade é angústia de optar, de fazer escolhas. Assim, o filósofo concebe o homem como angústia. O homem se dá conta de que ele não escolhe o que deve ser, mas é um ser que escolher a si próprio e a humanidade inteira. Tendo

então, grande responsabilidade sob sua própria situação existencial. Escolher é angustiante é, afinal, condenado a ser livre. O filósofo evidencia que:

A consequência essencial de nossas observações anteriores é a de que o homem, estando condenado a ser livre, carrega nos ombros o peso do mundo inteiro: é responsável pelo mundo e por si mesmo enquanto maneira de ser [...] a situação é minha por ser a imagem de minha livre escolha de mim mesmo, e tudo quanto ela me apresenta é meu, neste sentido de que me representa e me simboliza. Não serei eu quem determina o coeficiente de adversidade das coisas e até sua imprevisibilidade ao decidir por mim mesmo? Assim, não há acidentes em uma vida; uma ocorrência comum que irrompe subitamente e me carrega não provém de fora; se sou mobilizado em uma guerra, esta guerra é minha guerra é feita à minha imagem e eu mereço [...] cada pessoa é uma escolha absoluta de si a partir de um precedente, cada pessoa é uma escolha absoluta de si a partir de um mundo de conhecimentos e técnicas que tal escolha assume e ilumina; cada pessoa é um absoluto desfrutando de uma data absoluta e totalmente impensável em outra data (SARTRE, 1997, p. 678).

O indivíduo é inteiramente responsável pelas suas escolhas. Nada lhe condiciona, nada lhe obriga a fazer diferente, o homem sempre carregará a responsabilidade de ser livre, o sujeito está condenado a ser livre tudo que faz é sua responsabilidade, modo com o qual vê a vida; a maneira como fazer suas escolhas ou como compreende o mundo.

Não tem ato que não seja responsável pelas suas ações, a guerra é um ato de escolha do homem, ele escolheu guerrear, é um ato de necessidade. O ser humano é um ser ontologicamente liberdade. Entretanto, ele busca encobrir essa sua condição buscando desculpas, ou seja, justificativas para aquilo que ele é a má-fé. O nome desse processo é má-fé.

Este conceito em Sartre diz respeito ao mentir para si mesmo, ou seja ter clareza do fato e de como ele afeta a minha vida, mas mascarar-lo com outras perspectivas que suavizem ou fujam da verdade. Exemplificando, alguém que sabe que é avarento, muito apegado as suas posses e riquezas e prefere mascarar essa sua característica através de pensamentos nobres de justiça, economia ou bom uso de seus bens. Aqui então incorre a má-fé, situação em que o indivíduo tem clareza de algo sobre si, mas mascarar através de outros pensamentos.

Quando fala que alguém é absoluto é porque sempre escolhe as situações independentemente da sua situação história, nós sempre escolheremos algo que não é possível não escolher, pois quando não escolhemos já fizemos a opção por essa

escolha. Nesta perspectiva é que caímos na angústia humana, tenho tanta liberdade de escolha que neste processo eu me perco.

Não tem nada que me ampare, eu sou livre para aceitar, é isso que traz angústia ao homem, e que é também, a responsabilidade inteira do sujeito na consciência. Toda luta que o ser humano decide assumir é por opção dele e tudo que acontece no mundo é responsabilidade do ser.

Pode-se compreender que existe sobre o homem um peso, uma responsabilidade, por tudo que acontece em seu meio e em relação ao outro, uma preocupação em agradar a si mesmo e agradar aos outros estas situações muitas vezes se tornam decepcionantes porque não é possível agradar a todos. Ao mesmo tempo que existe uma liberdade no indivíduo existe algo que de certo modo o aprisiona, isto é, na maneira em como lidar com as situações adversas da vida.

Sartre salienta que não há acidentes em uma vida, mas ocorrências comuns que simplesmente acontecem, e que a guerra está dentro do eu que a merece, assim como também é necessário dar uma ressignificação a existência humana. Para o pensador, tudo é questão de consciência da própria escolha. O indivíduo, enquanto ser existente, pode dar vários sentidos em sua própria vida, ser mimado, ser disciplinado e assim por diante.

Por esse motivo, a responsabilidade pesa sobre o ser humano, uma vez que são muitas escolhas, muitas decisões, e sempre diante delas este será totalmente agente da escolha:

A responsabilidade da escolha e o compromisso ético estão interligados. A escolha já é uma ação. Nós somos a nossa liberdade. O sujeito já é a sua escolha. Existe uma profunda ligação entre o processo existencial e a condição moral do homem, uma vez que este processo existencial é definido pelas escolhas através de valores que o homem inventa e de fins, que também inventa e persegue. Assim, vai-se constituindo o processo ético-existencial de constituição da subjetividade através da sucessão de ações num processo contínuo no qual o sujeito vai-se fazendo ao exercitar a sua liberdade. Toda ação implica invenção de valores e de fins. O que elege os valores são as nossas escolhas, mostrando que o conceito de compromisso e engajamento é a ponte entre a liberdade e a facticidade. A escolha de si é a escolha do outro. Nós vivemos a nossa condição histórica, que, na verdade, é a ponte entre a nossa condição existencial e a nossa condição ética (MORAIS, 2012, p. 118).

Os valores éticos são postos pelo próprio ser humano, essas condições foram nós mesmo que colocamos: a moral, a liberdade, enfim, as escolhas foram criação do homem. Criamos a sociedade que colocou padrões a serem seguidos e se essas

regras não forem obedecidas é bem provável que o próprio indivíduo que criou os padrões, seja discriminado.

Assim, pode-se afirmar diante dos elementos da filosofia de Sartre que o ser humano é marcado por muitas circunstâncias, mas é ele que dá significado e valor a estas. A liberdade consiste nisso, escolher um significado e valor diante do que fizeram conosco ou aconteceu ao nosso redor, aqui também mora a nossa responsabilidade integral.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho teve como objetivo compreender o existencialismo de Jean-Paul Sartre. Neste sentido, buscou-se esclarecer a forma com a qual o existencialismo ganhou força na Europa no século XX e o modo como ganhou popularidade entre as pessoas e de modo especial na ideia de Sartre. Procurou, portanto, a origem do termo existencialismo e o seu significado, trazendo informações do contexto daquele período, em que o país tinha passado pela primeira guerra, entrou na segunda e como as pessoas muda sua visão sobre a própria forma de viver em sociedade.

Evidenciou que, essa corrente filosófica busca analisar o modo de ser próprio do homem, buscando explorar o meio com o qual ele vive no mundo. Neste aspecto, a cultura, a sociedade e os conflitos expressam a forma com a qual se aplicam a reflexão acerca da existência humana e nela está exposto os anseios do homem. Por isso, cada filósofo tem um olhar particular sobre a existência.

Sartre e tantos outros filósofos existencialistas, tanto ateus como cristãos, tiveram um olhar da existência a partir das experiências que vivenciaram em suas vidas. O próprio Sartre falou da sua experiencial existencial a partir daquilo que vivenciou no campo de concentração na Segunda Guerra mundial. Com isso também, mencionamos outros filósofos que abordaram esse tema com um olhar diferente do filósofo francês.

Buscamos esclarecer as críticas com as quais Sartre recebeu pela forma com a qual tinha se expressado na obra **O Existencialismo é Humanismo** (1978) que se deu a partir de uma conferência que ele realizou tentando argumentar sobre o livro que tinha sido lançado antes dessa conferência **O Ser e o Nada** (1997) que por essa muito volumoso não ouve uma clareza do que realmente ele queria passa para os leitores de sua obra.

Por causa desse livro Sartre foi duramente criticado pela forma com a qual elucidou a existência do homem. Dando a ele total responsabilidade de suas ações e atitudes. Com isso, ele coloca Deus em segundo plano, ou seja a **existência precede a essência**. A vista disso, o francês queria revelar que o homem é aquilo que ele constrói de si mesmo, não tem nada antes de sua existência. A essência do sujeito é aquilo que ele vive e experencia. Por isso os cristãos o criticaram severamente por sua abordagem sobre o essa temática.

Para Sartre, o homem é aquilo que se projeta a ser, por esse motivo não tem nada que o transcenda o indivíduo, pois é o próprio ser que cria Deus. Neste sentido pesa sobre ele essa responsabilidade de ser responsável por si e pelo outros e que pesa também sobre seus ombros essa escolha e essa liberdade de escolher, se ele não souber lidar acaba sendo uma angústia muito grande, pois não ver saída e por esse motivo ele precisa ressignifica a sua vida.

Assim, o existencialismo em Sartre nos ajuda na reflexão acerca da existência como componente fundamental do saber filosófico, dela advém as perspectivas e visões de mundo, o sentido dos fatos e a concepção de liberdade. Podemos então dizer que este trabalho se propôs a apresentar panoramicamente a concepção sartreana sobre a existência, visto que ela é bastante profunda e extensa; aqui procuramos salientar como ela é pertinente em nossos dias, devido ao seu teor atual e antropológico.

REFERÊNCIAS

- BORNHEIM, Gerd: **Sartre: metafísica e existencialismo**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- EXISTENCIALISMO. In: ABBAGNANO, Nicolas. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 468.
- GOIS, Cléa. Sartre: da consciência do ser e o nada ao existencialismo. **Revista do programa de pós-graduação em ciência da religião**, São Paulo, v. 32, n. 91, p. 11-17, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/3067/2033>>. Acesso em: 8 set. 2023.
- HRYNIEWICZ, Severo. Existencialismo / Filosofia da Existência. In:_____. **Para filosofar: Introdução e História da Filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1998. p. 459-463.
- MONDIN, Battista. **Introdução a Filosofia: problemas, sistemas, autores, obras**. 16. ed. v. 2. São Paulo: Paulus, 1980. p. 367. (Coleção Filosofia).
- MORAIS, Wilson Mário de. A importância da escolha: liberdade e responsabilidade em Sartre. **Theoria: Revista Eletrônica de Filosofia**, Pouso Alegre, v. 4, n. 10, p. 106-126, 2012. Disponível em: <http://www.theoria.com.br/edicao10/a_import%C3%83%C2%A2ncia_da_escolha.pdf>. Acesso em: 01 out. 2023.
- PERDIGÃO, Paulo. **Existência liberdade: uma introdução à Filosofia de Sartre**. Porto Alegre: L&PM, 1995. Disponível em:<<https://doceru.com/doc/ex0ex0c>>. Acesso em: 11 jul. 2023.
- PENHA, João da. **O que é existencialismo**. v. 61. São Paulo: Brasiliense, 2001. (Coleção Primeiros Passos: Uma Enciclopédica Crítica).Disponível em: <https://www.academia.edu/21594332/O_que_%C3%A9_Existencialismo_jo%C3%A3o_da_penha>. Acesso em: 15 ago. 2023.
- REALE, Giovane. **História Da Filosofia: do romantismo até nossos dias**. 4. ed. v. 3. São Paulo: Paulus, 1991. p. (Coleção Filosofia).
- SARTRE, Jean-Paul. O Eu e o circuito da ipseidade. In:_____. **O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. 7. ed. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 155-157.
- SARTRE, Jean-Paul. Liberdade e facticidade: a situação. In:_____. **O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. 7. ed. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 611-629.
- _____. **Sartre**. Tradução de Vergílio Ferreira; Luiz Roberto Salinas Fontes; Bento Júnior. São Paulo: Abril Cultura, 1978. p. 468. (Coleção Os Pensadores).

SILVA, Luciano Donizetti da. A ética sartriana nos limites da liberdade. **Pensando:** Revista de Filosofia, Piauí, v. 3, n. 5, p. 82-99, 2012. Disponível em: <<https://revistas.ufpi.br/index.php/pensando/article/view/726/680>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

TEIXEIRA, Thiago. Ética, Liberdade e Angústia em Sartre: A Possível Construção do Nós. VirtuaJus: **Revista de graduação da faculdade mineira de direito**, Belo Horizonte, v. 3, n. 5, p. 98-110, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/index.php/virtuajus/article/view/19462>>. Acesso em: 24 out. 2023.

URBANO, Zilles. Gabriel Marcel e o existencialismo. In:_____. **Gabriel Marcel e o existencialismo**. Porto Alegre: Acadêmica PUC, Rio Grande do Sul, 1988. p. 13-38.

WOODWARD, Ashley. Nietzscheanismo e existencialismo. In:_____. **Nietzscheanismo**. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 51-104.